



Nota de Apresentação

Revelando-se em 1981 com o romance *O silêncio*, Teolinda Gersão é, hoje, uma das vozes mais singulares da ficção portuguesa pós 25 de Abril e, desde seus primeiros livros, não abdica do dever de nomear as opressões sociais e mentais. A sua escrita desenvolve uma interdiscursividade que insinua nexos entre os textos através de uma imagística simbólica diversificada, mas reconduzível, sempre, de algum modo, à reflexão da arte sobre si mesma e à insinuação de procedimentos autorrepresentativos: a reflexividade, a metamorfose e o diálogo das artes constituem a gramática da criatividade, atraindo-nos para uma leitura em sistemático (ir)reconhecimento, atenta à vibração semântica e estética da sua tópica.

Entre suas principais obras, destacam-se *Paisagem com mulher e mar ao fundo* (1982), *O cavalo de sol* (1989), *Os teclados* (1999) e *A mulher que prendeu a chuva* (2007). Em seu mais recente lançamento, *O regresso de Júlia Mann a Paraty* (2021), três novelas se entrelaçam de modo a formar uma unidade narrativa.

Ao longo dos anos, recebeu muitos prêmios, entre os quais o Grande Prêmio de Conto Camilo Castelo Branco, o Prêmio Fernando Namora, o Prêmio de Ficção do PEN Clube, o Grande Prêmio de Romance e Novela da APE, o Prêmio Máxima de Literatura e o Prêmio da Fundação Inês de Castro. Além dos prêmios, verifique-se a quantidade de reedições de seus livros, indicador do quanto seus leitores se multiplicam ao longo das últimas décadas.

Agora, por ocasião do seu 80º aniversário e dos 40 anos de escrita literária, foi organizado o ciclo Homenagem: Teolinda Gersão 2020-21 (coordenação de Annabela Rita e de Miguel Real)¹ com mais de três dezenas de iniciativas em vasta rede interinstitucional (cursos, seminários, colóquios, exposições, lançamentos, debates, livros, espetáculos, entrevistas e números especiais de periódicos) em também mais de uma

¹ <https://homenagemteolinda.wixsite.com/home>

dezena de países de diferentes continentes. O escultor Francisco Simões dedicou-lhe um retrato que constitui o *ex libris* do ciclo.

Nesse sentido, este número da *Revista do Centro de Estudos Portugueses* da Universidade Federal de Minas Gerais integra essa autêntica Festa das Letras, dedicando um dossiê especial a Teolinda Gersão e acolhendo artigos e ensaios que se debruçam sobre a vasta produção da autora, dando a ver não só a riqueza da crítica especializada da área, mas também os profícuos debates que a obra da autora alimenta.

Abre o dossiê o artigo da professora Ângela Beatriz de Carvalho Faria, que se debruça sobre o conto “Alice in Thunderland”, de Teolinda Gersão, investigando a engenhosa construção literária que envolve ficção e realidade, desvendando o enigma dessa personagem e de seu próprio desejo em paralelo ao desejo do Outro.

Na sequência, as professoras Márcia Manir Miguel Feitosa e Cristiane Navarrete Tolomei analisam dois contos do livro *Prantos, amores e outros desvarios* (2016), “O meu semelhante” e “Décimo mandamento”, verificando como Gersão retrata a desigualdade social em Portugal e denuncia as injustiças do sistema capitalista e do processo de globalização.

Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Alexandre António da Costa Luís, por sua vez, empreendem uma análise minuciosa do romance *Paisagem com mulher e mar ao fundo*, de 1982, em que ficam evidentes as ligações entre ficção e História, sobretudo as muitas referências à ditadura salazarista, sintetizadas no papel central desempenhado por Hortense.

O romance *A cidade de Ulisses*, de 2011, é motivo de dois artigos. O de Gabriela Silva procura investigar o relevante papel da urbe, neste caso, Lisboa, na gestação das narrativas e memórias que conduzem e revelam a história de Paulo e Cecília. Livia Penedo Jacob, por seu turno, envereda pela declarada relação deste romance com as artes plásticas, pondo em causa a noção de *ekphrasis* como fundamento narrativo e mítico.

Em seguida, a pesquisadora Elisângela da Rocha Steinmetz apresenta em estudo de inspiração comparatista as *Histórias de ver e andar*, de Teolinda Gersão, e os contos de *La sueñera*, de Ana María Shua, atentando para os temas do olhar e da percepção como formas de engendrar o movimento, considerado entre o real, o onírico e ficcional.

“As tardes de um viúvo aposentado”, conto de *A mulher que prendeu a chuva e outras histórias*, celebrada coletânea de Teolinda Gersão, é analisado por Priscila Campolina de Sá Campello e Bruna Gabriele Oliveira tomando como pontos centrais a memória, a velhice e a solidão de um viúvo aposentado que está em fase de luto pela morte recente de sua esposa.

Inspirando-se nos estudos mais recentes em torno dos lugares da mulher na sociedade ocidental, o artigo assinado por Aldinida Medeiros, Michelle Thalyta Cavalcante Alves Pereira e Jaqueline Veira de Lima investiga o romance *A casa da cabeça de cavalo* a partir da paradigmática sensatez da voz feminina de Maria Badala, que ecoa em meio a uma sociedade completamente patriarcal e conservadora.

Fechando o dossiê, Isabel Ponce de Leão registra em imagens e palavras a exposição *A Árvore das Palavras*, parte da Homenagem dos 40 anos de vida literária de Teolinda Gersão, decorrida em 2021, no Porto.

Abre a seção "Varia" o texto de Aurora Cardoso de Quadros, o qual propõe-se a comentar as relações, sempre problemáticas, entre vida e finitude em *A educação do estoico*, livro do heterônimo pessoano Barão de Teive.

Na sequência, o artigo de Nuno Brito aborda, em perspectiva comparatista, a obra poética da professora e ensaísta Rosa Maria Martelo.

Na seção "Entrevista", Marcelo Alves da Silva e Pedro Martins Cruz de Aguiar Pereira entrevistam Jerónimo Pizarro, professor, pesquisador e ensaísta cujo trabalho colossal de edição da obra de Fernando Pessoa faz dele uma das mais relevantes figuras da crítica genética da contemporaneidade.

Encerra este número da *Revista do Centro de Estudos Portugueses* a seção de "Resenhas". Na primeira, Annabela de Carvalho Vicente Rita assinala a publicação da tradução italiana de *Histórias de amor* (1952), obra de iniciação de José Cardoso Pires, acentuando a valorização de um autor já canônico na literatura portuguesa, agora parte da coleção “Studi di Traduzione Letteraria Lusofona”, da Firenze University Press. Por fim, Diogo Fernandes Sousa destaca a mais recente edição de *Enquanto Salazar dormia...*, de Domingos Amaral, uma incursão histórica envolta em romance que desvela muitas facetas do assim chamado Estado Novo.

Agradecemos oportunamente a colaboração dos/as pesquisadores/as e professores/as que se dispuseram a compartilhar pesquisas e inquietações acadêmicas com os leitores da *Revista do Centro de Estudos Portugueses*.

Annabela Rita
Roberto Bezerra de Menezes